

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUJEIÇÃO DO INDIVÍDUO NA RELAÇÃO ENTRE PODER E SABER EM FOUCAULT

## *CONSIDERATIONS ABOUT THE INDIVIDUAL'S SUBJECTION IN THE RELATIONSHIP BETWEEN POWER AND KNOWLEDGE IN FOUCAULT*

*Eduardo Carnello Jatobá<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem o intuito de abordar a temática do poder em Foucault. A primeira observação a ser levantada é que o poder não é visto como uma entidade própria, mas como relação. E na relação exercida de todos para todos não se torna viável a localização do poder, mas sim a terminologia adotada pelo autor, a saber, uma microfísica do poder. De fato, todos exercem e sofrem os impactos do poder que se encontra presente nas mais inesperadas formas, como, por exemplo, nos discursos acadêmicos. Disto, retira-se que o poder não só se constitui através de discursos de verdade, mas ele mesmo os molda. As instituições como hospitais, quartéis e escolas são exemplos claros dessa relação do poder que gera saber. O poder torna-se, pois, disciplina. Ele molda os corpos para a otimização de tarefas e do desenvolvimento da sociedade. Contudo, ao mesmo tempo que adentra para um melhor papel de cada indivíduo, ele retira a singularidade de cada indivíduo homogeneizando a sociedade por meio da disciplina que normatiza as relações e a forma como os indivíduos se identificam.

**Palavras-chave:** Dominação. Verdade. Disciplina. Indivíduo. Relação.

**Abstract:** The present essay has the intent to broach the power theme into Foucault. The first observation to be raised is that the power isn't considered as an entity itself, but as relation. And into the exercised relation of all to all can't be taken viable the localization of the power, but yes the terminology adopted by the author, to be known, a microphysics of the power. In fact, all exercise and suffer the impacts of the power that finds itself present into the more unexpected means, as, for example, the academic speeches. Of this we can retrieve that the power not only constitutes itself through the truth speeches, but it makes them. The institutions like hospitals, headquarters and schools are clear examples of this relation of power that produces knowledge. The power turns itself, so, into discipline. It produces the bodies to the optimization of the tasks and society's development. However, at the same time that it instructs to a better role of each individual, it retrieves the singularity of each individual, homogenizing the society through the discipline that normalizes the relations and the way of how the individual identify them.

**Keywords:** Domination. Truth. Discipline. Individual. Relation.

### 1. Considerações iniciais

Nas relações cotidianas, observa-se que, em certa medida, determinados discursos são utilizados como forma de se demonstrar autoridade e de se direcionar as formas de prática rotineira tomada pelo homem. Concebe-se, com isso, que existe uma

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia (Licenciatura Plena) pela Faculdade João Paulo II – FAJOPA (2011), Graduando em Psicologia (Bacharelado) pela Universidade de Marília – UNIMAR, Pós-Graduando (Especialização) em Neuroaprendizagem pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. E-mail: ejatoba@tjsp.jus.br

relação direta e dinâmica entre aquilo que é definido como discurso verdadeiro e suas consequências no agir pessoal nos diversos ambientes. Inegável que as relações sociais trazem consigo tais afirmações e que são estas relações que estruturam o homem enquanto ser social, cultural, político, situado num contexto próprio e num tempo histórico que também é culturalmente construído, embora para Foucault não exista uma continuidade histórica como se propunha anteriormente no sentido de uma evolução gradual. Cabe, então, a indagação sobre a forma que o contexto sociocultural é desenvolvido e quais as reais forças que nele operam para a construção de determinada identidade histórica.

É tentando se chegar a essa resposta que se observa que determinadas estruturas encontram-se presentes e podem ser o ponto de partida para o aprofundamento da temática. Entretanto, seriam estas estruturas suficientes em si mesmas para se chegar a uma resposta satisfatória? Para Foucault, a resposta é negativa, uma vez que tais instituições nada mais seriam do que uma construção social, encontrando-se elas limitadas aos próprios modos de discurso.

Para se entender melhor a filosofia contida em Foucault, faz-se necessário definir o estruturalismo filosófico como ponto de partida para a discussão, apresentando o que é tal corrente. O estruturalismo é uma corrente filosófica que, contra a possibilidade de um subjetivismo idealista nos indivíduos, afirma que algumas estruturas econômicas, linguísticas, sociais e até mesmo educacionais sufocam o poder do indivíduo de se afirmar como um “eu”. Assim,

Pode-se considerar o estruturalismo como uma das principais correntes do pensamento, sobretudo nas ciências humanas, no século XX. O método estruturalista de investigação científica foi estabelecido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857–1913), que afirma ver na linguagem “a predominância do sistema sobre os elementos, visando extrair a estrutura do sistema através da análise das relações entre os elementos”. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1934, p. 96)

Embora jamais tenha se admitido enquanto pensador de tal corrente, Michel Foucault (1926-1984) destaca-se e pode ser incorporado nesta linha pela sua pesquisa no sentido de que toma como ponto de partida a arqueologia do saber, e encontra aí mecanismos que regem as atitudes dos homens tais como práticas que o aprisionam. Para além disso, Foucault irá postular que as estruturas físicas são, na realidade, o reflexo de relações entre o poder e o saber que encabeçam cada período da história

humana. O filósofo francês se insere no meio acadêmico filosófico como uma figura que desperta reflexões dignas de formarem um olhar instigador e sagaz sobre o mundo contemporâneo e suas relações. Suas análises partem de uma crítica aguçada contra aquilo que se tinha como histórico e progressivo nas áreas do saber.

Uma de suas temáticas que mais despertam o interesse do leitor é sobre o poder. Foucault leva as análises sobre o poder para além do óbvio. Não mais tido como um mero reflexo da sociedade capitalista, uma representação do Estado ou uma estrutura tão somente coercitiva e negativa, o poder é concebido como relação. Desde logo, Foucault desconstrói a antiga concepção de poder como um conceito objetivo. Para o filósofo francês, o poder deve ser visto não como uma realidade possuidora de natureza definida a qual bastaria uma análise minuciosa para definir suas características globais. Pelo contrário, o poder é fragmentário. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas, sim, formas díspares de relação em constante transformação.

Esse é um dos temas que mais se encontram presentes na obra de Foucault, senão sendo o ponto de partida, pelo menos é citado como explicação para suas alegações a respeito de temas como o saber, a loucura e a punição.

Neste artigo, busca-se por meio da leitura de alguns escritos de Foucault definir o que se pode chamar de poder. Iremos, ainda, tratar de investigar as implicações que esta nova conceituação acarreta. Como o poder atua nos indivíduos e nas suas relações entre si. Tema amplo do qual distinguiremos em duas etapas, a saber: num primeiro momento, iremos buscar definir o que é poder para Michel Foucault. Ainda neste primeiro passo, visaremos o porquê de Foucault criar aquilo que dá nome a um de seus livros, a saber, definir o conceito de microfísica do poder. Um pouco mais adiante, por decorrência dos passos anteriores, veremos que a antiga concepção que vinculava poder e Estado como uma só coisa cairá por terra. Na verdade, em muitos casos as relações de poder se instituíram fora do Estado. Dessa afirmativa, decorre o fato que não podemos classificar o mundo como aqueles que têm poder e os que não têm e são subvertidos pelos dominadores, pois não existe o poder em si como unidade autônoma, mas sim como relações ou práticas de poder.

Até mesmo o campo da corporeidade própria do indivíduo é afetada pelas formas de dominação presentes na sociedade. Isso pode ser constatado pela forma com que as veridicções se estabeleceram durante todo o decorrer da história e como podem ser vistas nos tempos atuais.

O poder tudo abrange. Com o aparato teórico bem delineado pelo primeiro passo, partiremos para uma análise um pouco mais específica sobre as relações de poder. Investigaremos a relação entre poder e saber. Com essa concepção, inevitavelmente, cairão por terra as antigas concepções de que somente chegando a um saber totalmente puro de elementos alienadores, poder-se-á combater o poder que regula a sociedade. Para Foucault, muito pelo contrário, a afirmativa será: não existe saber dissociado do poder. Mais ainda: há uma relação intrínseca muito forte que liga poder e saber, de modo que as relações de poder não podem se constituir sem um campo de saber, analogamente ao fato de que todo saber gera condições de relações de poder.

Ao final dessa breve empreitada, pretendemos não esgotar a temática, mas abriremos uma nova maneira de olhar para as funções exercidas entre verdade e poder nas relações humanas, enriquecendo nossa capacidade de gerar novas sínteses a partir das experiências obtidas na existência concreta de cada um.

## **2. O poder como relação**

Ao enunciar o questionamento sobre o que é, de fato, o poder, de onde ele surge e como ele se manifesta no sentido de se exercer, Foucault diferencia primeiramente dois tipos daquilo que se tem do vocábulo “poder”. Na primeira conceituação, Foucault dá um significado ao vocábulo estudado enquanto um verbo. Ou seja, num primeiro sentido, poder significaria aquilo que o homem é capaz de fazer, tal como conseguir andar e etc. Porém, a análise que Foucault fará sobre o poder é outra. Para o filósofo francês, o poder não existe enquanto algo cuja essência pode-se captar e identificá-la com determinado objeto. O que existem são práticas ou relações de poder, ou seja, o poder é uma relação de forças.

Categoricamente, Foucault (1995) afirma que não existe sociedade que não tenha em seu âmago relações de poder entre os seus. Seria, de fato, muita ingenuidade pensar isto. Mais ingênuo ainda, conforme Foucault, seria pensar que as relações de poder que regem a sociedade são apenas entre duas classes (os dominados e os dominadores, ou o proletariado e a burguesia). A complexidade de tais relações sublima estas análises que podem surgir de forma equivocada. Como uma enorme teia, o poder a todos envolve, sem ter uma distinção clara de onde ele surge, quem o detém e para aonde ele leva.

Eis a primeira postulação necessária para que se busque a definição do que é o poder para Foucault. Ele rompe com as concepções antigas que identificavam o poder ao Estado. Sendo assim, faz-se necessário identificar a natureza de como o poder é exercido.

Deste 'poder' é necessário distinguir, primeiramente, aquele que exercemos sobre as coisas e que dá a capacidade de modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las - um poder que remete a aptidões diretamente inscritas no corpo ou mediatizadas por dispositivos instrumentais. Digamos que, neste caso, trata-se de 'capacidade'. O que caracteriza, por outro lado, o "poder" que analisamos aqui, é que ele coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos). (FOUCAULT, 1995, p. 240)

Tal empreendimento faz com que Foucault discorra sobre uma genealogia do poder enquanto mediatizador de relações entre os homens. Em suas análises, o poder não fica associado exclusivamente a instituições e/ou aparelhos gestores da sujeição dos indivíduos, como o Estado e a polícia, por exemplo (embora, evidentemente, o poder esteja também nestes dois exemplos). O poder funciona como um mecanismo social que não está situado em um lugar delimitado ou embutido em circunstâncias particulares, mas percorre toda a tessitura da sociedade e, desta forma, apresenta-se com uma prática rotineira de seus indivíduos. Assim, Foucault questiona algumas proposições acerca da teoria do poder e apresenta a ideia de Microfísica do poder.

Disto tem-se que o que Foucault almeja é trazer para a prática social a conceituação que antes era utilizada tão-somente para identificar o Estado e as instituições que, de uma forma ou outra, exerciam algum tipo de influência sobre os indivíduos. O autor, portanto,

Estuda o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo existência própria e formas específicas ao nível mais elementar. [...] O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. (MACHADO, 2008, p. XIII-XIV)

De fato, quando trabalha com o conceito de poder, Foucault atribui a ele a condição diferente daquilo que se tinha como conceito até então. Pode-se pensar, portanto, no poder como uma "macroestrutura", no sentido de que ele perpassa tudo, está em todas as relações e age enquanto gestor de verdades e métodos (algo que

discorreremos mais adiante). Todavia, a condição de microestrutura pode ser lhe atribuída sem problemas, visto que ele não pode ser encontrado exclusivamente em um aparelho único (como falado anteriormente). Pode, sim, ser identificado como objeto disperso e onipresente, pois em constante atividade. Eis a nova “economia do poder” que o filósofo francês introduz no meio acadêmico.

Fica, pois, claro que a conclusão que o autor tira em que

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação. (FOUCAULT, 2008, p. 183)

Interessante notar neste íterim que Foucault não visava, em primeiro plano, fazer um tratado sobre o poder, em escrever algo especificamente sobre tal temática não sendo instigado por nada além de sua curiosidade em pesquisar sobre as relações de poder que os seres humanos exercem. A aspiração que o levou ao estudo das relações de poder foi o sujeito<sup>2</sup> e o processo pelo qual este se torna sujeito. Nas palavras do próprio Foucault (1995, p. 232): “Era, portanto, necessário entender as dimensões de uma definição de poder se quiséssemos usá-la ao estudar a objetivação do sujeito”.

Um ponto que se torna essencial para a compreensão do porquê do estudo do poder para se clarear uma concepção melhor sobre os processos de objetivação do sujeito é o fato de que, para o filósofo, o poder não é algo meramente negativo. O poder tem seu lado positivo no que tange à formação do indivíduo. Para um melhor entendimento sobre o que de fato é esta nova “economia do poder” proposta por Foucault, elencaremos seis pontos essenciais que ilustram a ruptura da velha conceituação com a que o filósofo propõe. Estes seis postulados são os que Gilles Deleuze consegue retirar da obra de Foucault.

O primeiro postulado apontado por Deleuze (2005, p. 35) é que:

Foucault mostra que não é assim, nem disso, que procede o poder: ele é menos uma propriedade que uma estratégia, e seus efeitos não são atribuídos a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, táticas,

---

<sup>2</sup> Insta esclarecer que Foucault utiliza-se da noção de sujeito como o ser constituído em uma trama histórica, isto é, o indivíduo que produz e que é capturado pelas suas próprias práticas de saber-poder. Em outras palavras, o sujeito é histórico, sendo um composto das relações de poder, não tendo, por isso, uma essência pré-estabelecida, sendo, antes, produto das relações de seu tempo.

técnicas, funcionamentos; ele se exerce mais do que se possui, não é o privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas.

Isto reitera o fato de que não existe bem uma classe única dotada da possibilidade de reter consigo o poder. Trata-se aqui a uma crítica aos movimentos do período de Foucault que se pautavam por uma eterna luta de classes, um constante acusar-se uns aos outros. Esta concepção, como será visto nos próximos postulados, abre espaço para uma interpretação de que o poder pode ser tanto exercido por dominados e dominadores. É um olhar realista frente às relações cotidianas.

Seguindo em direção ao segundo postulado, Deleuze apresenta outro ponto que Foucault abandona na sua concepção de poder: o conceito de que o poder tem uma localização, sendo, pois, o Estado o local aonde ele se encontra. Eis como Deleuze (2005, p. 35) exemplifica isso com suas próprias palavras: “Foucault mostra, ao contrário, que o próprio Estado aparece como efeito de conjunto ou resultante de uma multiplicidade de engrenagens e de focos que se situam num nível bem diferente e que constituem por sua conta como uma microfísica do poder”. Neste olhar, as relações de poder desenvolver-se-iam não de forma estritamente claras, mas também às ocultas, ou seja, nas próprias relações dos indivíduos com outros indivíduos, negando a tese de que o poder fosse algo exercido unicamente pelo Estado e instituições. Aliás, dirá Foucault que as relações de poder são tão profundas e complexas que se confundem com a concepção de verdade. Tomando por base a crítica nietzschiana do conceito de bom e mau, o filósofo francês irá mostrar que na verdade todo conhecimento nas mais diversas áreas se difundiu graças à forma que eles se direcionavam enquanto verdades dogmáticas que deveriam ser seguidas cegamente. Foucault critica esta noção, fazendo uma desconstrução de alguns conceitos que regeram o modo de viver das pessoas, como é o caso da sexualidade.

Com base nisso, também se explica o terceiro postulado proposto por Deleuze, segundo o qual o poder, enquanto associado ao Estado, estaria subordinado como uma infraestrutura a um modo de produção. A negativa aqui deve ao fato de que o poder não é tão-somente algo subordinado a um modelo econômico. Isto, de fato, pode sim acontecer. Contudo, seria um reducionismo grande achar que o poder é algo utilizado somente para fins econômicos, como diria a corrente marxista mais tradicional. A luta de classes neste caso não se encaixaria naquilo que Foucault propõe. Tanto o poder

econômico pode comandar as relações de poder<sup>3</sup>, como a relação também pode se desenvolver de forma ascendente<sup>4</sup>.

Seguindo a análise de Deleuze, encontramos o quarto postulado abandonado por Foucault, a saber, o de que o poder não teria uma essência, mas seria operatório, ou seja, seria relação.

[...] o poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação: a relação de poder é um conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta. (DELEUZE, 2005, p. 37)

Sendo o poder algo que não tem uma essência e caracterizado principalmente pelo jogo de relações, fica claro que ao longo da história muitos conhecimentos (para não dizer todos) foram estabelecidos como verdades através das relações intrínsecas de poder que eles continham. Para ilustrar tal prerrogativa, tomemos como exemplo a forma com que discursos verdadeiros foram se estabelecendo nas sociedades ocidentais. Foucault realiza uma história sobre a loucura. Constata que na Idade Média os loucos eram vistos como seres misteriosos, envoltos numa mística da maldição e do castigo divino. A exclusão do louco se dava pois este tinha sido amaldiçoado por Deus e sua presença era sinal da ira que recaiu sobre o mesmo pelos seus pecados. Este era o discurso de verdade estabelecido então pela Igreja. Porém, no início do século XVIII toma corpo como conhecimento a psiquiatria e com ela um novo discurso capaz de julgar quem era louco, ser que não tem verdade em si e que poderia ser curado, voltando ao estado de “normalidade”, também estabelecido pela psiquiatria. A estrutura, Foucault demonstrará, daquilo que se entende como louco foi bem contaminada pelo entendimento que se teve em séculos passados (FOUCAULT, 1978). As casas de internamento, o Hospital Geral<sup>5</sup>, surgem como verdadeiros meios de se excluir da visão

---

<sup>3</sup> Pode-se pensar aqui, apenas a título de ilustração sem qualquer referência em Foucault nos comerciais publicitários que, utilizando-se de técnicas de marketing, praticamente “obrigam” o indivíduo a ter aquele produto em questão.

<sup>4</sup> Outro exemplo pensado a se escrever este trecho e sem relação direta com algum exemplo utilizado por Foucault é quando uma loja perde um cliente por falta de uma mercadoria determinada e, temendo que isto aconteça de novo, providencia o produto na expectativa de que não se repita o fato.

<sup>5</sup> Instituição criada pela Coroa francesa, em muito se assemelhando a uma estrutura totalizante, com regras rígidas, horários de atividades e trabalho.

o louco e, assim, manter certo controle sobre a sociedade, de modo que se pudesse evitar revoltas ou ociosidade.

Neste caso vê-se que uma verdade é criada mediante uma relação de poder. E é isto que Foucault analisará em muitas de suas obras e criticará, buscando trazer à tona a verdade que se esconde por detrás desses discursos que estabelecem a verdade que querem por meio do controle, da disciplina, do poder em geral.

Voltando aos postulados que Foucault abandona, encontramos o quinto postulado com o qual o filósofo francês estremece as bases daquilo que até então se concebia como poder. Neste postulado, Deleuze mostra como o filósofo abandona uma concepção puramente negativa do poder para lhe dar uma natureza também positiva. O poder também suscita, instiga, produz. Caso somente fosse carregado de asserções negativas, não seria obedecido. Como diz o próprio Foucault (2008, p. 7-8):

[...] parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer 'não', você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz 'não', mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Por último, o sexto postulado proposto por Deleuze diz respeito à legalidade. O poder de Estado seria não uma propriedade exclusiva da classe dominante ou como sendo a lei de um estado de paz imposto à força (DELEUZE, 2005). Foucault argumenta que a lei é a própria guerra em ato e que o poder não é uma propriedade adquirida pela classe dominante, mas um recurso que ela dispõe (DELEUZE, 2005).

Tendo passado pela análise que até aqui chegamos a respeito da problemática do poder e como ele se relaciona com os indivíduos de diversas formas, produzindo não somente aspectos negativos, mas, também, positivos, abordaremos agora de forma mais específica como tais relações ocorrem no chamado poder disciplinar, isto é, aquela forma de poder que tem como intuito educar, formar, moldar as pessoas.

### 3. A sujeição dos indivíduos pelo poder disciplinar

Como leitor assíduo de Nietzsche e contextualizador de sua filosofia para o campo das ciências humanas, Foucault defende que não existe um conceito de verdade indubitável e totalmente abstrato que guiaria o agir humano, ou um conceito imóvel inerente a cada humano. Sua rejeição vai no sentido de afirmar um outro tipo de verdade, não mais arbitrária, mas essencialmente conflitiva e em movimento. Nesse sentido,

Mais correntemente do que qualquer outro pensador contemporâneo, Michel Foucault desenvolveu as implicações da rejeição de Nietzsche à ideia platônica de verdade. Em seu lugar, propõe o que pode ser chamado, na expressão de Deleuze, de uma 'contra-filosofia' que localiza as origens da verdade na luta e no conflito, na arbitrariedade e na contingência, em uma vontade de verdade que está essencialmente vinculada ao desejo e ao poder. (BAYNES, BOHMAN & McCARTHY, 1987, p. 95)

Todo o desdobramento do estudo acerca da temática do poder foi fruto do estudo de Foucault a respeito da história da penalidade (MACHADO, 2008). E nessa pesquisa surge uma forma bem específica de poder que era aplicada e que não é uma exclusividade da prisão: o poder de disciplina, ou poder disciplinar. Aqui Foucault faz menção à forma de se controlar o indivíduo diretamente, como que estes estivessem enclausurados, presos, muito embora nem sempre assim estejam.

Os desdobramentos do poder disciplinar, como já citamos, não é algo exclusivo dos sistemas prisionais. Foucault mostrará bem isso em sua obra *Vigiar e Punir*, onde ele observa a ação da disciplina não só em cadeias, mas em fábricas, quartéis, hospitais, escolas.

Primeiramente nos detemos numa breve introdução para bem contextualizarmos o leitor sobre a obra citada acima. Foucault começa sua obra citando um grotesco exemplo de como a punição era aplicada no século XVIII. A partir de então, ele explica a situação da penalidade infligida nos delinquentes antigamente. A punição era sempre sinônimo de restituição do bem lesado; assim, o infrator deveria sofrer no seu próprio corpo as consequências de seus atos para “pagar” pelos seus crimes.

Com o advento da psiquiatria e de outras ciências no século XIX, e com elas novos saberes, a forma de punição foi alterada. Os novos saberes apresentados pela

psiquiatria, pela psicologia, a medicina, irão surgir como relações de poder esparsas, isto é, espalhadas. Daí que o poder que era focalizado na Idade Média no rei passa a ser fragmentado na sociedade pelo estabelecimento de novos discursos de verdade.

Tais discursos irão sugerir que há outras formas de se punir alguém que contraria as normas impostas na sociedade. O poder outrora exercido como suplício no indivíduo passa a ser utilizado como forma de disciplinar o transgressor.

O poder disciplinar está muito relacionado com a ascensão da classe burguesa e do capitalismo, além das chamadas Reformas Humanistas no século XVIII, que foram promovidas pelo Iluminismo. Interessante notar que tais reformas, numa análise superficial, foram introduzidas visando dar maior humanização e suavização na punição a ser aplicada. Porém, Foucault alerta que a mudança na forma de punição era resultado da busca por uma tecnologia punitiva mais eficaz que as duras penas anteriores, de modo que a noção de punição passasse a permear as relações e se fazer mais presente entre os indivíduos. Ao invés das relações exercidas pelas monarquias absolutistas soberanas, agora as relações instituídas por discursos verdadeiros são que caracterizam a nova forma que a sociedade se estrutura, a saber, a sociedade disciplinar. Como diz o próprio Foucault (1999, p. 17) sobre o abandono do suplício: “O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos”.

Entra, pois, a nova forma de poder que pode ser exercida para se conseguir a punição dos indivíduos. Dessa vez, ditada pelos discursos de verdade que as novas ciências começam a elaborar. As instituições passam então a serem locais em que o poder se manifesta pela relação de saber que se atribuem às novas técnicas adotadas no cuidado dos internos, dos loucos, dos alunos, dos militares.

O poder disciplinar passa a ter a finalidade de adestramento, de otimização dos sujeitos. Como diz Foucault (2005, p. 143), o poder disciplinar é :

[...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas.

Essa forma de poder, que disciplina, torna-se uma forma de sujeição muito eficaz para a nascente sociedade capitalista, que necessitava aperfeiçoar seus indivíduos para o seu avanço. A multiplicação dos lucros burgueses será devida à aplicação deste

poder que disciplina os corpos, tornando-os dóceis. Não é por meio de uma atitude repressiva frente às massas trabalhadoras, mas pela relação estabelecida entre saber (no caso, a escolas, universidades e outras instituições que ditam como o sujeito deve se portar) e poder (a própria sujeição invisível dos corpos que passam a ser aperfeiçoados, utilizados para um adestramento que permita a homogeneidade, a retidão que favorece o trabalho, que favorece o desenvolvimento da sociedade).

Contudo, não só existe esta técnica de dominação na sociedade, ou seja, o poder disciplinar. Foucault em sua genealogia da sociedade ocidental encontra um outro tipo de técnica, muito mais sutil e igualmente presente nas relações de dominação. Foucault chama este tipo de técnica de técnica de si. É o que faz com o que o indivíduo tome para si verdades construídas, as veridicções, e se policie para ver se está dentro da categoria estabelecida de verdade. Eis como Foucault (1981, p. 5) expõe isto:

O que nós chamamos disciplina é algo realmente importante nessa forma de instituição. Mas é somente um aspecto da arte de governar as pessoas em nossas sociedades. Tendo estudado o campo das relações de poder tomando as técnicas de dominação como um ponto de partida, gostaria, nos anos futuros, de estudar as relações de poder partindo das técnicas do self.

Dentro das relações de poder que se exercem na sociedade ocidental, pode-se ver que ambas as técnicas de dominação, disciplina e técnicas de si, estão presentes na forma com que o poder sujeita as pessoas. Como explica o filósofo francês (2008, p. 12):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro

Percebe-se isso pela facilidade com que os indivíduos tomam para si veridicções dadas pelo modelo de sociedade vigente e se pautam por essa verdade. Pode-se ilustrar isto ao se pensar em um indivíduo que toma como verdade de si o fato de que ele deve se portar de um jeito que o que de fato seja importante é o que tem e não o que é. Ele é, assim, disciplinado para buscar aquilo que fará dele alguém mais importante, como bens materiais em demasia, e esquece de libertar seu próprio eu, de descobrir-se verdadeiramente para além daquilo que lhe é imposto como verdade. A técnica de si

aplicada neste exemplo é o próprio fato de que o indivíduo sente a necessidade de ter os bens materiais impostos como essencialmente necessário. Quando não os tem, acha-se inferior e até mesmo inútil. Evidente que este é só um exemplo, esclarecendo-se, por oportuno, ser de autoria deste pesquisador, e pensamentos análogos podem ser levados para outros campos da sociedade.

O poder de dominação na sociedade surge, pois, como modelador dos indivíduos na transição do modelo feudal e monárquico para o modelo capitalista e burguês. Caracteriza ele uma nova forma de dominação sobre os indivíduos, modificando as técnicas de poder da soberania e conduzindo para uma sociedade disciplinar, ou seja, uma sociedade padronizada e moldada para o propósito da produção em larga escala. A sociedade que tem sua impecável harmonia imaculada.

Em outra forma de se exemplificar e tornar mais concreto o entendimento de tal temática, novamente pensada por este pesquisador, é a harmonia que se efetiva e é ilustrada pelos corredores automotivos congestionados nos primeiros minutos da manhã por trabalhadores rumo aos seus empregos. Trabalhadores que, ao mesmo tempo, somem na multidão e são individualizados ao extremo para a tarefa a ser desempenhada para o bom prosseguimento da sociedade. São dominados pela disciplina imposta: horário de entrada, trabalho, almoço, trabalho, horário de saída. Vivem sem saber que não vivem, pois reféns da própria disciplina. Cumprem religiosamente seus hábitos de dominação sem se questionar e, quando assim o fazem, conseguem transcender de um emprego para o outro achando que com isso se libertaram da sua condição servil. Bobagem! Vivem e são o meio pelo qual essa nova forma de poder disciplinar existe e age.

Com efeito, o poder age, domina e é utilizado pelos indivíduos na sociedade contemporânea. Poder que sujeita por meio de veridicções estabelecidas ao longo da história, verdades estabelecidas pelo discurso e impostas. Se em Nietzsche já se declarara a morte de Deus, de fato em Foucault a morte do homem é ditada pela alienação de sua individualidade, normatizada pelo discurso da sociedade.

Aliás, se a verdade é veridicção, em todas as épocas normas e formas de dominação se estabelecem e ditam as estruturas que compõem o homem. De forma ou de outra, o poder age no homem e serve como pretexto para a composição de verdades estabelecidas.

#### **4. Considerações finais**

Sujeição do indivíduo a veridicções impostas a ele, ou seja, por verdades que não são a dele, mas são apresentadas como discursos corretos e morais aplicados como forma de dominação. Eis a denúncia que Foucault levanta frente à necessidade de autonomia verdadeira do indivíduo. Cada qual devendo encontrar em si próprio as verdades que o constituem e que devem guiá-lo para a subjetivação<sup>6</sup>.

As formas como o poder é aplicado na dominação e na disciplina dos corpos, das mentes e das ações das pessoas evidenciam a característica mais perigosa como a dita verdade se apresenta na atualidade. De fato, a noção de poder que Foucault expõe é um primeiro passo para compreender como que o homem contemporâneo se vê diante de instrumentos que lhe estruturam e o impedem de ser verdadeiramente si mesmo. Claro que o discurso de Foucault não termina em um pessimismo estruturalista de imaginar que tais mecanismos são totalmente determinantes na constituição do homem. Pode-se, a princípio, surgir um sentimento de desesperança diante do estudo das relações entre poder e saber que Foucault traz à baila, mostrando como que discursos de verdade se formaram e se consolidaram a ponto de determinarem os rumos da sociedade, subsiste um sopro de esperança que surge concomitantemente ao desvelamento das veridicções. O primeiro passo para ser feita uma releitura histórica que culmine em mudanças atuais é reconhecer que a história foi escrita sob uma ótica que necessita ser revista.

Num olhar otimista, a própria noção de possibilidade de pensar de outra forma, fora do modelo pré-fabricado de verdade e de saber, abre espaço para que o diferente seja percebido. Nesse movimento, potencializa-se a afirmação na vida em sua diferença, colocando-se a ênfase na avaliação do real, como diz Deleuze (1976, p. 154): “O mundo não é verdadeiro, nem real, mas vivo. [...] Viver é avaliar. Não existe verdade do mundo pensando, nem realidade do mundo sensível, tudo é avaliação, até mesmo e, sobretudo, o sensível e o real”.

Um indivíduo que toma consciência de que há certas verdades não autênticas já dá um grande passo rumo à apropriação da noção ampla de si, reconhecendo ser ele próprio o produtor e produto de práticas e discursos de tais veridicções. Se por um lado o poder de dominação forja discursos que arrastam multidões, a proposta de um

---

<sup>6</sup> Cabe aqui a explanação de que, para Foucault, a subjetivação seria a forma com que o sujeito se percebe na relação sujeito-objeto. Ou seja, seria o homem ser capaz de compreender-se como sujeito que dá origem a algum tipo de conhecimento, podendo ver-se como que numa visão panorâmica desta relação.

discurso que investiga as razões primeiras daqueles é um movimento que traz novo alento a movimentos que queiram de fato resgatar a libertação do valor do indivíduo por meio do esclarecimento das relações de poder que permeiam as relações humanas. São resistências declaradas ao modo de viver imposto por meio de uma cartilha esquematizada da moral e do agir.

Em outras palavras, a vida é quem mais ganha com o questionamento da sujeição sofrida pelo indivíduo, impulsionada, nas próprias palavras de Foucault (2000, p. 347), por um *êthos* filosófico:

[...] um *êthos* filosófico consistente em uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos, através de uma ontologia histórica de nós mesmos. Esse *êthos* filosófico pode ser caracterizado como uma atitude-limite. Não se trata de um comportamento de rejeição. Deve-se escapar à alternativa do fora e do dentro; é preciso situar-se nas fronteiras. A crítica é certamente a análise dos limites e a reflexão sobre eles. [...] Trata-se, em suma, de transformar a crítica exercida sob a forma de limitação necessária em uma crítica prática sob a forma de ultrapassagem possível.

Certamente a contribuição de Foucault engrandece a investigação histórica e crítica dos conhecimentos tidos como certos e fechados. Nesta retomada da história do homem, ele pode se encontrar com os resquícios de verdade que se encontram dentro de si, adormecidas. Não aquela verdade dita e imposta como dominação, mas sim a que transcende normas para que surja um novo indivíduo, muito mais autêntico que os saberes que o compunham.

## Referências

- BAYNES, K.; BOHMAN, J.; MCCARTHY, T. *After Philosophy: End or Transformation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Coleção Ditos & Escritos II, 2000.
- \_\_\_\_\_. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 27ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_; SENNETT, R. Sexuality and Solitude. *London Review of Books*. v. 3 n. 9 p. 3-7, 21 May – 3 June, 1981. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v03/n09/michel-foucault/sexuality-and-solitude>>. Acesso em 16 set. 2015.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1934.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.